

RETRATO DE D E OUTROS TEXTOS

Danielle Grace¹

Retrato de D

Pelo corredor D passava, as pernas leves e longas eram um convite para uma aposta de corrida. E ia sempre em desvantagem em relação a sua sombra. Corria. Conhecia cada centímetro do cimento que cobria o chão e os 23 tons do verde-lodo-molhado-pós-chuvarada no rodapé do muro. Durante o percurso que durava exatos 63 segundos em passos-lentos-ida-e-volta, 45 segundos em passos-mais-ou-menos-lentos-ida-e-volta e 13 segundos e 22 milésimos de segundo correndo-muito-rápido, D ultrapassava várias etapas: 1- o poço fundo-e-negro da cisterna, 2- as árvores falantes cujas raízes estavam fincadas do outro lado do muro, 3- as montanhas-obstáculos da areia de obra (inclusas no tempo de trajeto: 2 segundos e 7 milésimos de segundo na melhor performance), 4- o portal para outra dimensão cozinha-banheiro-pavilhão-cama. Em noites desafortunadas de ciclones e mar revolto, tinha que acompanhar pernas mais pesadas, reumáticas, lentas e ajudá-las a atravessar para o outro lado e por isso an-da-va-ga-ro-sa-men-te. Mas em objeção absoluta a se render a passos comuns, corriqueiros, vulgares, D, com atitude de quem não é gente de quebrar acordo-promessa-tratados, colocava-se a marchar 1-2-3, 1-2-3... E um dia, ao fim de um desses caminhos ordenados, olhando de repente para o alto, D viu um retrato. O rosto de uma mulher... É Iemanjá? Não, menina, é Nossa Senhora da Glória. 15 de agosto é o seu dia, e data de-Santa-guarda-de-porta-e-caminhos não se esquece. Não-não. Missão cumprida. Novo percurso, sozinha. Menor-menos-tempo-,agora. Olá, formigas, moscas, joaninha da floresta e dona perereca na beira da fonte!

¹ Doutoranda pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Caramujos e caracóis

Para ter um coração carapaça

Concha, calcário, antenas, e sem audição

Membrana: gosmenta: uva passa

Fazendofrasescarrapatasquenãoselargamdopé.

Essa nota de um real quer meus lábios: rábica!

Laborreal

uma nota rabicó?

Nesse casco não tem luz: mas carrego

de bom grado por esses jardins de couves e caracus.

À beira da lua

AC adora a lua e sempre que pode se aventura nas terras prateadas. As roupas de astronauta? Não precisa! AC tem muitos segredos, é o que ela sempre diz. Nos dias de sol, tem aula de dança e pintura no jardim. No caminho de volta AC não vai pé-no-chão, distraída que é, começa pelo lado esquerdo a subir a parede transparente. E é aquele reboliço, todos param para ver o charme de suas pernas horizontais. Palmas. AC agradece e sempre que dá, joga flores! Na lua, AC vai sozinha, esse dom é raro, ela diria. Lá, ela pula, longos pulos, e faz suas contas: 50 hectares aqui, ao leste 58,333..., baixo-centro-oeste 6.875,2..., sempre foi boa com números. Gosta particularmente desse caráter imitativo da lua, de sua personalidade flexível, mais ou menos forjada. Por exemplo, a luz, a lua cata do sol, esse amigo grosseirão, capacidade exemplar de super-rendimento de energia. O calor? Ela dispensa. Elegante! Perfumada! E muda sua forma, suas cores de acordo com seu humor. Com toda essa intimidade com a lua AC adquiriu um mimo especial pelo adjetivo “lunático”. Encanta-lhe a presença das vogais: a i o u, ou a i a u na versão feminina, que fazem o movimento de abre, fecha, abre, fecha, e do acento em cima do “a” para simbolizar a pena do chapéu, esse é um detalhe fabuloso! Dessa palavra ela tira a resposta: - Calina-tu! E espera a reação “três-pontinhos-interrogação”, AC ri RÁ-RÁ-RÁ, divertida! e põe-se a conjugar: calino-eu, calina-vós, calino-nós, lua-eu, luo-tu, lua-vós ...

Carvão catacumba cascata
Acácias rubras
Ela é de leão

Um gosto violento de oxigênio,
pé no cascalho, de frente pro sol

Tudo visto por dentro tem tom intenso
As costas molhadas e o ferro no asfalto
Vermelho vira prata
relógio bracelete batom

Cansada, sobe, sabe o calendário das chuvas
Coleciona na garganta frases e frases,
Dióxido de carbono, comburente, oxidação

Não há sentido nessa busca encasquetada
Correndo atrás das cartas, barganha com o destino
Colore de rosa choque cada passo:
areia, argila, calçada.

ANAGRAMA

Passo.

Posas.

O brinquedo apita.

Cavalheiros, damas.

A noite passada,

passem todos,

no canto,

na quina.

Maçaneta.

Grade da semana,

saltou na quinta.

Sapos.

Galopantes.

Paz! só à frente.

Ferro quente, passarinho.

Toc, poc, aspos, saspó... não é guerra.

Sopas e partícipios a quem possa dirigir... vaguear.

Bate feio.

Relógio torto.

Continência.

Marcha, passado, andorinha.

Caro FP, entendo seu desejo de limpeza. Não sei o que comi ontem. Hoje acordei vomitei. Impulso involuntário. A baba na aba do travesseiro. Pessoal intransferível. A franqueza manifesta do estômago. Cara feia de quem comeu não gostou. Expressão de horror. Entonação a mais naquele a, no e, s puxado, concordância nominal, advérbio longo para prolongar a frase. Erudição. Jato impetuoso. Sequência de três palavras. Raras, jurídicas. Amargo na goela. O verbo é suave, fantasista, inspirador. Muita desenvoltura. Garganta se abre. Músculo contrai. Ar. Conteúdo jorra. Um belo trabalho. Som. Consoantes sonoras, surdas, palatais, linguodentais, oclusivas, vogais. Euforia radiante. Exalação.

O Abc e outros sons

Era dia 31 de março ou primeiro de abril. Não importa. B acordou mais branca naquele dia. Tinha a face, os dedos e o colo meio descoloridos e esbranquiçados. B me confessou que esse processo tinha começado havia algum tempo e inverossimilando os fatos ia me explicando. Nada fácil de acreditar. Para ela, nada podia ser dito sobre seu branco, por isso sua história consistia em: 1- “Comecei a ficar mais clara aquela manhã”, 2- “Fiquei mais um pouco dia seguinte”, 3- “Fiquei mais um pouco dia seguinte”, 4- “Fiquei mais um pouco dia...”, e assim por diante. O vocabulário de B não bastava para se explicar, e, só de raiva, foi esquecendo de falar. Gostava da sua pele natural, “um tom vivo, que caia bem com o colorido do mundo”, soltou após uma insistência de quase quatro horas, no entanto não lembrava mais do nome de sua cor. Tentei refrescar sua memória enumerando adjetivos que vinham a minha cabeça: “negra, morena, mulata, chocolate, moreninha, índia, morena clara, morena escura, café com leite, pretinha, morena jumbo, bronzada, neguinha, marrom glacê, índia goiabada, marmelo, bala de caramelo, folha de outono, doce de leite feito de panela de pressão, cocada preta, coco queimado, rainha da cocada dourada, etc.”, e a cada lance ela franzia a testa elevando e baixando as sobrancelhas ou, não raro, direcionando o ouvido direito para meus lábios nervosos. Agora, B faz raio-terapia-solar. B não sabe. Não sabe dizer. Não sabe mais como dizer. Não se recorda dos sentidos, mas agrada quando mostra sua proficiência linguística: B lê, canta, faz palavras-cruzadas com destreza, ouve jornal nacional e conhece todos os *topdez* dessa semana.